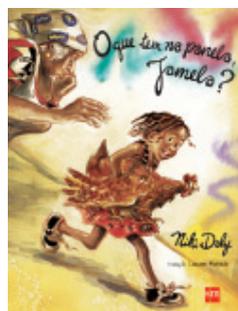


O que tem na panela, Jamela?

Cadê você, Jamela?

Feliz aniversário, Jamela!

O vestido de Jamela



32 páginas

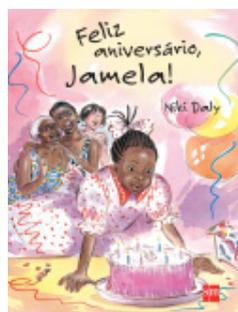


34 páginas

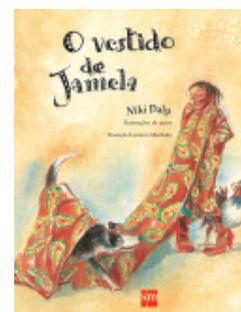
Niki Daly

Ilustrações do autor

TEMAS Diversidade cultural / África / Natal /
Família / Vínculo afetivo entre crianças e bichos /
Mudança / Amadurecimento / Adaptação /
Comemorações / Frustração



34 páginas



36 páginas

O AUTOR E ILUSTRADOR Niki Daly nasceu na Cidade do Cabo, África do Sul, em 1946. Graduado em arte e *design*, foi premiado por ilustrações em livros que escreveu e em volumes de outros autores. Entre 1970 e 1980, viveu na Inglaterra, onde trabalhou como professor de *design*, ilustrador e músico. Niki compõe músicas para peças teatrais infantis e animações e já gravou dois discos. Vive em Mowbray, bairro afastado na Cidade do Cabo, com a mulher, Jude Daly, também ilustradora, e os dois filhos, Joseph e Leo.

A SÉRIE JAMELA As narrativas de Niki Daly têm como personagem principal Jamela, menina sul-africana que vive num bairro de periferia com a mãe, a quem chama de *Mama*. Jamela é esperta e sapeca, e sempre encontra soluções inusitadas para seus dilemas.

Em cada episódio, Jamela é a protagonista de uma situação-problema que coloca em evidência aspectos universais do pensamento e dos sentimentos infantis, assim como peculiaridades culturais da África do Sul. Entre essas situações estão (nos quatro primeiros títulos da série):

- o destino de sua galinha de estimação (*O que tem na panela, Jamela?*);
- a mudança de casa (*Cadê você, Jamela?*);
- o desejo de ter um sapato de festa (*Feliz aniversário, Jamela!*).
- o desejo de possuir logo um vestido de festa (*O vestido de Jamela*).

As narrativas são contadas em dois planos: o da linguagem escrita e o das ilustrações. O texto é bastante acessível aos leitores iniciantes e alguns termos de dialetos africanos fazem pensar sobre as diferenças e influências entre línguas e linguagens. Para a verificação do significado desses termos, originários de diferentes regiões da África, há um glossário no final de cada livro.

No segundo plano, o das imagens, uma explosão de cores e traços indica como a cultura de um povo se manifesta em diversos elementos, como na padronagem dos tecidos, na modelagem das roupas, nos brinquedos, nas festas, na estética, nos instrumentos musicais, enfim, em múltiplos aspectos que se fazem notar pelo contraste com o que nos é familiar.

INTERPRETANDO O TEXTO



O QUE TEM NA PANELA, JAMELA?

Nesta história, mãe e filha vão à casa da vizinha dona Zibi comprar uma franga, para engordar e depois servi-la como prato principal do almoço natalino. Jamela é encarregada de alimentar a galinha, mas a mãe não conta com a possibilidade de a filha se afeiçoar ao bicho. Na véspera do Natal, ao perceber que a “amiga” não escaparia da panela, Jamela foge de casa com ela. Na pressa, a ave escapa de suas mãos, causando confusão pelas ruas, e vai parar num cabeleireiro, onde as clientes acabam apoiando o ponto de vista da menina. É assim que a galinha, batizada de Natal, é salva. E, ao final, com muita criatividade, o almoço natalino é reinventado.



CADÊ VOCÊ, JAMELA?

Neste livro, o assunto é a mudança de casa. Enquanto *Mama* comemora uma conquista – novo emprego e a possibilidade de morar em um lugar melhor –, Jamela fica preocupada em ter de enfrentar alterações no cotidiano. O medo de lidar com a novidade é logo percebido por *Gogo* e, no acalento da família, Jamela supera mais um desafio.

FELIZ ANIVERSÁRIO, JAMELA!

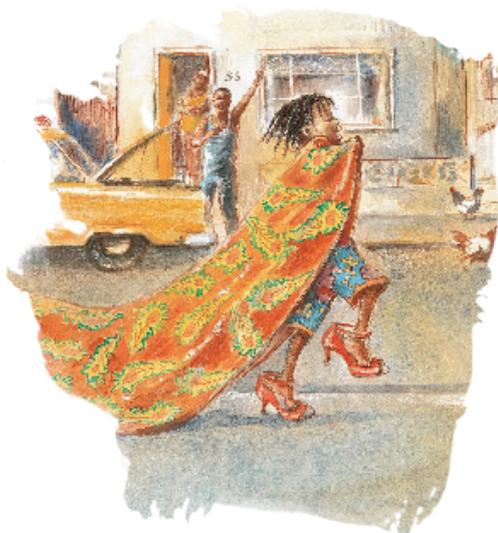
Jamela faz aniversário: 7 anos. A celebração por ter vindo ao mundo requer alguns preparativos, entre eles, a compra



de uma roupa de festa que, por sua vez, pede sapatos novos. É na loja de calçados que se abre o conflito desta narrativa. O modelo Princesa pelo qual Jamela se apaixona é caro para *Mama* e a menina depara com a frustração de ter de levar para casa outro par, útil também para ir à escola. Jamela, porém, enfeita os sapatos com contas preciosas, coloridas e brilhantes, sem perceber que na verdade o estragava, o que não agradou nada a sua mãe. A solução emerge de sua criatividade, pois uma artesã se encanta pelo trabalho de Jamela, convida-a a produzir alguns pares e, finalmente, com o dinheiro da venda, a menina realiza o sonho de ter o sapato Princesa e também outro par ultradurável para ir à escola.

O VESTIDO DE JAMELA

Thelma vai se casar e *Mama* vai com Jamela à loja de tecidos: ela compra um pano para costurar um vestido. Juntas, elas lavam o tecido, o estendem no varal, e Jamela se responsabiliza por ele, para que Taxi, o cachorro, não o suje. Jamela imagina que o tecido é um lindo vestido, e sai com o pano envolto no corpo. O desfile vira um acontecimento: as crianças a saúdam como “Kwela Jamela Rainha Africana!”. Archie tira uma foto de Jamela e, na confusão, um menino passa com a bicicleta bem em cima do tecido, que fica sujo e roto. Ao ver o que ocorreu, *Mama* fica muito chateada. Jamela também fica muito triste, e desabafa com Archie. Ele a anima: a foto ganhou um prêmio em dinheiro. Com ele, os dois compram um novo pano, idêntico ao anterior, para *Mama*. Ela fica muito satisfeita, e logo costura seu vestido. Com as sobras do tecido, faz também um lindo vestido para Jamela, que fica muito feliz.



POR QUE É IMPORTANTE LER ESTES LIVROS?

O que tem na painela, Jamela? trata de um tema universal: a relação afetiva que as crianças estabelecem com os animais, a partir do cuidado que dispensam a eles. Não há quem não se identifique com o tema e não tenha uma história pessoal que ganhará corpo com essa nova experiência literária.

Cadê você, Jamela? proporciona uma reflexão sobre crescimento, maturidade e coragem. As mudanças costumam ser inquietantes para adultos e para crianças, pois geralmente estão relacionadas ao desconforto de lidar com o novo, com inevitáveis perdas (mesmo que “substituídas” por melhores condições), com despedidas...

Uma cultura múltipla

Há quem defenda que a cultura brasileira não apenas sofreu influência da cultura africana, mas que, na verdade, nasceu dela. Na África, contudo, não há um único povo, uma cultura única. Ao contrário, existe uma multiplicidade de etnias, com línguas, rituais e costumes diversos.

Ocorre que, em geral, os negros capturados e escravizados eram separados de suas famílias e de seus companheiros, justamente para dificultar sua comunicação e organização. Eles aprenderam a se comunicar e a conviver fundindo aspectos culturais. E desses laços surgiu uma cultura nova, que viria a influenciar significativamente o que conhecemos como cultura afro-brasileira.

Os estudiosos acreditam que parte da responsabilidade por essa falsa imagem de unicidade que cerca a cultura africana se dá por falta de informação, mas sobretudo por razões ideológicas de origem histórica: na época da escravidão, os negros não eram vistos como indivíduos pertencentes a um grupo cultural, e sim como peças, como unidades. Segundo alguns pesquisadores, o olhar racista e preconceituoso se agravou a partir do século XIX, com discursos (pretensamente) científicos que atestavam a “superioridade” dos brancos.

Feliz aniversário, Jamela! aborda a alegria da celebração do nascimento, costume que nasceu na Grécia e Roma antigas. Também discute a questão dos limites impostos por restrições financeiras, que podem ser contornados com criatividade. E, finalmente, fala sobre frustrações, experiência inerente à existência em qualquer idade, época ou cultura.

O vestido de Jamela permite que os pequenos leitores reflitam sobre o tempo das coisas: muitas vezes a ansiedade em possuir algo, a pressa em chegar a um local ou a uma festa, faz com que todos (tanto os adultos como os pequenos!) tomem atitudes das quais podem se arrepender mais tarde. Agir por impulso, ainda mais quando outros nos deixam responsáveis por algo, nunca é uma boa ideia, como bem aprende Jamela. Assim, além de falar sobre ansiedade, este livro faz pensar sobre responsabilidade, respeito pelo outro e, como não poderia deixar de ser, perdão.

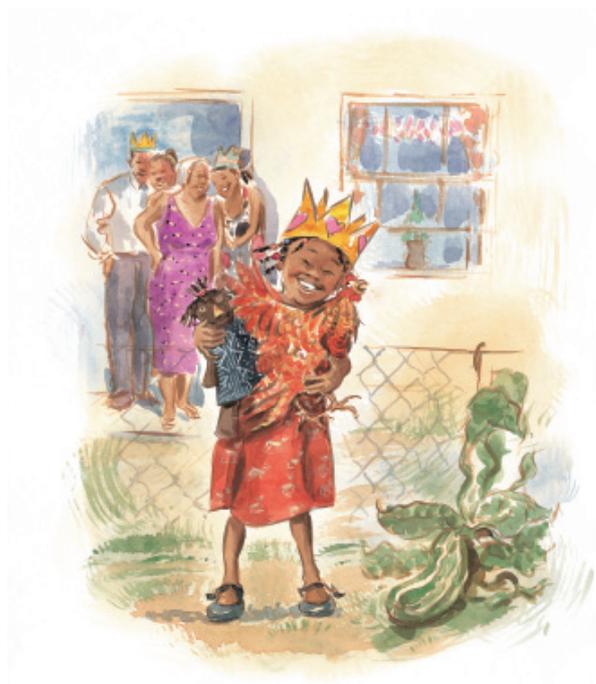
A leitura dos quatro volumes da coleção faz refletir sobre temas universais que habitam a infância e também sobre como as semelhanças e diferenças culturais dão contorno ao tratamento do conflito criado em cada texto.

Conhecer e compreender essas diferenças, com afetividade, é um caminho fértil para aprender a respeitar o outro. A leitura desses livros implica ainda relação estreita com alguns conceitos importantes da atualidade. Hoje o Brasil sabe e reconhece que suas músicas, danças, culinárias, festas e crenças estão estreitamente associadas às de outros povos: o Brasil é afro, é luso, é tupi. Portanto, conhecer o país, conhecer-se, sob qualquer perspectiva, significa (re) conhecer a contribuição das tradições africanas que vieram para cá, de modo torpe, nos navios negreiros durante a colonização.

UMA GALINHA DE ESTIMAÇÃO

A linguagem de *O que tem na panela, Jamela?* é bastante acessível a leitores iniciantes, e a narrativa do livro se organiza pela progressão temporal dos fatos. Tudo começa quando *Mama* e *Gogo* (a avó de Jamela) combinam a divisão de tarefas para o almoço de Natal. *Gogo* fica responsável pela sobremesa; *Thelma*, uma parenta, pelo ensopado de *marogo* (um tipo de verdura); e *Mama*, pela galinha.

Para que Jamela participe dos preparativos, *Mama* convida-a para ir à casa de *Zibi*; vão escolher a galinha que devem engordar até o dia de Natal. Além de ajudar a eleger o “prato principal” do almoço, Jamela fica encarregada de “alimentá-lo”.



Mas, de uma simples franga de engorda, a galinha passa a ser o bichinho de estimação de Jamela. A transformação se prenuncia quando a menina resolve batizá-la de Natal.

Não se come a quem se dá um nome. Afinal, o nome é uma forma de diferenciação, de reconhecimento. Não bastasse isso, ao alimentar o animal, Jamela passa a se sentir responsável por seu desenvolvimento.

A alimentação como evidência de cuidado está presente em várias passagens da narrativa: cuidar da galinha é alimentá-la; a mãe se ocupa de alimentar a filha; a comida reúne as pessoas em torno da mesa; a plantação de abóboras para consumo da família é adubada por *Mama* com os excrementos da galinha.

Enquanto a galinha e as abóboras crescem, Jamela interpreta Maria, mãe de Jesus, no auto de Natal da escola. O vestuário, os instrumentos e os gestos ganham contornos da cultura local: “Jamela fez o papel de Maria e carregou o Menino Jesus nas costas como uma mãe africana de verdade. Vuyo ficou um bonito José, de chapéu e manta *basothos*” (o termo *basotho* faz referência a uma das etnias africanas).

A celebração da cerimônia de Natal surpreende o leitor, pois, em uma narrativa ambientada na África, seria natural esperar pela celebração de rituais de crenças diferentes das que conhecemos.

O dia do almoço se aproxima, e dona Zibi aparece para uma “visita”: subentende-se que ela chega para degolar a galinha. Jamela, atenta à conversa entre *Mama* e a amiga, é repreendida por bisbilhotar onde não é chamada. E, antes de se dirigir à casa de Thelma, em obediência à mãe, apanha a galinha para evitar o trágico destino de seu bicho de estimação. Eis que, no meio do caminho, Natal escapa de seus braços.

Jamela volta para casa triste pela fuga da galinha e amedrontada pela bronca que vai levar da mãe. Mas, ao mesmo tempo, nada é maior que sua secreta alegria por ter salvado Natal das mãos de dona Zibi.

Mama, Jamela e Zibi partem em busca da galinha, e as peripécias dão novo ritmo à história. Natal é expulsa de uma lotação e adentra um cabeleireiro. “No salão, Natal corria desenfreada pelas bancadas e passava rente às mulheres que estavam arrumando o cabelo. Voavam secadores, xampus, pentes, fitas e contas.”

Mais uma vez, a linguagem mostra sua vocação. A narrativa registra as fitas e contas, adereços comuns nos salões sul-africanos.

Depois de muito corre-corre, *Mama* encurrala Natal, e dona Zibi se apronta para a degola. É então que Jamela torna público o dilema que envolve seu animal de estimação: “Natal não é só uma galinha – gritou Jamela. – Natal é minha amiga. E não se pode comer um amigo!”

Com o argumento, Jamela ganha o apoio das clientes do cabeleireiro e, no dia de Natal, ela e *Mama* se encarregam da surpresa: o prato será abóbora recheada e não galinha assada.

CASA NOVA, VIDA NOVA

A narrativa de *Cadê você, Jamela?* começa com a comemoração esfuziante de *Mama*, que dá à filha a notícia do novo emprego e da mudança de casa. A segunda novidade inquieta imediatamente a menina. Não poderia ser diferente, já que mudanças de qualquer natureza sempre envolvem dúvidas e receios.

Ainda que essa mudança seja positiva, Jamela se sente desconfortável com ela. A menina sabe que situações como essas envolvem a perda de algumas referências que lhe garantem segurança, reconhecimento, conforto e diversão. Jamela está acostumada com o portão da casa, que range, os barulhos rotineiros dos arredores, os velhos amigos e a estrela que ela avista pela janela do quarto todas as noites.

Gogo, a avó, vai morar com a neta. Diante da evidente preocupação e da tristeza da menina, *Gogo* logo percebe que uma boa solução seria envolvê-la no processo de mudança. Então pede para Jamela encaixotar a louça.

Mas a ajuda da menina resulta num acidente: Jamela quebra um bule de chá, o único de sua mãe, que fica bastante desapontada. O cuidado com Jamela, porém, não é deixado de lado, e ela passa a arrumar os próprios pertences, numa caixa devidamente identificada com seu nome, onde guarda o aparelho de chá, os livros e as bonecas.

Cansada de tanta arrumação, Jamela se acomoda dentro da caixa e adormece.

Ocupadas com as caixas e em carregar o caminhão de Mão de Graxa, *Mama* e *Gogo* só se dão conta do sumiço de Jamela no momento da partida. Elas procuram a menina por toda a casa, no cabeleireiro, pela vizinhança e... nada. Chegam a registrar um boletim de ocorrência. Enquanto o policial toma nota dos dados – “Ela tem seis anos. Está usando uma calça bem moderna e tênis vermelhos. Tem tranças com contas. Ela



é uma ótima menina.” –, Jamela acorda e se levanta da caixa em que se enfiara.

Todos, então, comemoram o reencontro e, ao mesmo tempo, a despedida de amigos e vizinhos com a música de *Gogo* ao piano.

Na nova casa, Jamela se alegra com o ranger do portão, que lembra o da casa antiga, e oferece um chá no bule do próprio conjunto (já que o da mãe havia se quebrado), descobrindo que nem tudo é insubstituível.

À noite, Jamela acredita que tudo ficará bem ao notar a rápida adaptação aos novos ritmos e sons da vizinhança. No quarto novo, a menina também consegue localizar sua estrela no céu, o céu que nunca deixará de ser o mesmo.

Comemoração de aniversário

A palavra “aniversário” vem do latim *anniversāriūs* (*annus* = ano e *vertere* = voltar) e significa aquilo que volta todos os anos.

As festas de aniversário têm origem na Roma e Grécia antigas, assim como os bolos de aniversário, que eram oferecidos à deusa da fertilidade, Ártemis. As velinhas significavam proteção do aniversariante, cujos desejos eram levados aos céus pela fumaça.

Comemorar o aniversário parece ser uma coisa bem comum, mas há lugares no mundo em que a celebração é diferente do que fazemos, com parentes, amigos queridos, bolo, velas, presentes. No Vietnã, por exemplo, celebram-se os aniversários num único dia, na virada do ano. Há, também, grupos religiosos que consideram a comemoração do aniversário uma prática pagã, portanto, proibida.

FELIZ ANIVERSÁRIO

O dia do aniversário de Jamela se aproxima e a mãe anuncia que haverá uma festa para comemorar. *Mama*, *Gogo* e a menina saem para fazer compras; afinal, a ocasião pede uma roupa especial. Na loja de vestidos, Jamela desfila vários modelos até encontrar o ideal, e então mãe e avó percebem a necessidade de sapatinhos novos. Na loja de calçados, Jamela fica encantada com o modelo Princesa. Mas o preço dele, proibitivo para os recursos da mãe, a fazem optar por um modelo mais tradicional e durável que pode ser usado, também, para ir à escola. Jamela acata, mas fica desapontada e, em casa, acaba tendo uma de suas ideias: usa as contas coloridas de sua caixinha de tesouros para customizar os sapatos até torná-los tão bonitos e especiais como o modelo Princesa. *Mama*, porém, não acha nada bonito, pois os sapatos não serviriam mais para o uso diário e seu dinheiro fora desperdiçado. Contrariada, a mãe não quer saber da menina por perto. É nesse momento que Jamela conhece sua “fada madrinha”, uma artesã que elogia a “obra” da pequena artista – “Sabe, esse modelo venderia como pãozinho quente na minha barraca na feira de artesanato. Você poderia me ajudar a fazer alguns?”, diz a vizinha do fim da rua. Na manhã seguinte, as duas enfeitam vários pares comprados no supermercado e os vendem na feirinha. Os sapatos, batizados de Jamela, são um sucesso e rendem à menina uma participação nos lucros da banca. O dinheiro, entregue à mãe, é mais do que suficiente para comprar novos sapatos para a escola. No dia da festa, rodeada de convidados, a aniversariante recebe e abre seu último presente. Surpresa! *Mama* comprou um par de sapatos

para a escola e também o modelo Princesa. E, como uma princesa, recebe ajuda para abrir as fivelas e dar os laços nas fitas de cetim. É assim que termina essa história e começa o oitavo ano de vida de Jamela.

PENSAR ANTES DE AGIR

Esta história começa com *Mama* e Jamela em uma grande loja de tecidos, cheia de rolos de panos estampados, roupas e acessórios. *Mama* está muito feliz, pois, com o dinheiro ganho depois de tanto trabalho duro, conseguirá comprar um lindo tecido colorido para fazer um vestido. Será casamento de Thelma, e *Mama* quer costurar algo especial. Jamela também acha o pano escolhido por *Mama* bonito e, ao chegar em casa, ajuda sua mãe a cuidar dele: juntas elas lavam o tecido para tirar a goma, e juntas elas o penduram para secar. *Mama* pede que Jamela cuide bem do pano, e não deixe que Taxi, o cachorro, pule e suje o tecido novo. Jamela faz o que a mãe pediu e, cuidando do tecido, começa a imaginar que ele, como em sonho, se transforma num lindo vestido. A menina se envolve no pano e resolve sair pela rua, desfilando, para mostrar a Thelma sua bela roupa nova. E não é que todos apreciam Jamela? Mão de Graxa, as crianças que cantam “Kwela Jamela Rainha Africana!”, dona Zibi, suas galinhas e especialmente o garoto Archie, que acha Jamela tão bonita que decide tirar uma fotografia da menina e de seu vestido novo. Jamela está tão entretida na grande festa que não se dá conta que o tecido de sua mãe agora está todo amassado, rasgado e sujo. É Thelma que avisa à Jamela o quanto *Mama* ficará chateada ao ver o que aconteceu. E isso é o que de fato acontece: *Mama* fica tão contrariada que prefere nem falar com Jamela. A menina, por sua vez, se dá conta do tamanho da besteira e fica brava consigo mesma; não queria, em hipótese alguma, ter estragado o tecido de sua mãe. Alguns dias depois, Jamela encontra com Archie. O garoto nota que ela está triste e conta a Jamela uma novidade boa: a foto que tirara da menina saiu estampada na primeira página do jornal: “Kwela Jamela Rainha Africana”, diz a legenda. A foto de Archie havia sido premiada! Mas a lembrança do ocorrido só faz Jamela ficar ainda mais triste. Chorando, ela conta tudo a Archie, que diz que vai ajudá-la: a fotografia premiada receberá um prêmio em dinheiro! Jamela fica radiante. Eles vão à loja juntos e escolhem um tecido exatamente igual àquele que *Mama* havia comprado. Ao chegar em casa, Jamela e Archie





entregam o presente à *Mama*, que fica muito agradecida. Eles contam, também, que Jamela foi responsável por Archie ganhar o prêmio como fotógrafo. *Mama* fica emocionada, e dá um grande abraço em Jamela. Novamente Jamela ajuda *Mama* a lavar o tecido e a pendurá-lo para secar. Elas cantam, brincam de bater as mãos e dançam. Quando percebem, o tecido está pronto para ser guardado. *Mama* ensina Jamela a dobrá-lo, da mesma forma que aprendera quando criança. Durante a noite, enquanto Jamela dorme, *Mama* costura até que seu vestido fique pronto. Ao terminar, nota que um pedaço de pano sobrava, e com ele faz um vestido para a filha. No dia do casamento, não é apenas Thelma, a noiva, que está radiante: *Mama* está linda em seu vestido novo e Jamela, ao posar para a foto, é quem dá o sorriso maior.

IMAGENS DE UMA REALIDADE

Os desenhos de Niki Daly são tão fortes que revelam mais que um simples trabalho ilustrativo. Embora mantenham estreita relação com o texto, apresentam informações que o complementam, enriquecendo a história e propiciando uma aproximação daquela realidade cultural.

As cores das vestimentas e as padronagens dos tecidos, por exemplo, são características dessa região da África.

Outro aspecto que os desenhos revelam é a convivência de elementos culturais de origem africana, europeia e norte-americana, resultado não só de anos de colonização, como também do recente processo de globalização. Isso é bastante visível em *O que tem na panela, Jamela?*, em que esculturas típicas da África (p. 7) dividem espaço com um Mickey e num ônibus (p. 18) há uma inscrição que imita o logotipo da Coca-Cola.

Por fim, é importante notar que o palco criado para as aventuras de Jamela retrata a condição socioeconômica em que vive a maior parte da população negra da África do Sul (os negros representam 77% do total de habitantes). Não é nos centros urbanos que moram os descendentes da população original, e sim em regiões afastadas das grandes cidades. Os negros são herdeiros de décadas de privação, mas Jamela vai à escola e integra uma geração que pode ter, pelo acesso à cultura, novas oportunidades de fazer da **África do Sul** um país sem tantas diferenças e injustiças sociais.

* Os destaques remetem ao item *Mergulhando na temática*.

Colonização e apartheid

ÁFRICA DO SUL

Os europeus conheceram a África do Sul a partir da viagem do português Bartolomeu Dias. Em 1548, a expedição comandada por ele contornou o cabo da Boa Esperança (onde fica atualmente a Cidade do Cabo), então conhecido como cabo das Tormentas, rumo às Índias. Ainda no século XVI, muitos holandeses imigraram para a região, que, posteriormente, no começo do século XIX, acabou dominada por ingleses, cuja língua e costumes foram então impostos à população local.

A partir de 1911, descendentes de holandeses e ingleses instituíram uma série de leis que deram origem ao *apartheid*, política de segregação racial oficializada em 1948. As leis racistas só foram derrubadas muito depois, a partir de 1989, no governo de Frederik de Klerk, quando Nelson Mandela, preso por 26 anos por liderar um movimento de resistência, foi liberado (em 1990) da pena de prisão perpétua. Em 1994, Mandela tornou-se o primeiro presidente negro da África do Sul. O líder faleceu em 2013, causando comoção mundial.



UMA RELAÇÃO AFETIVA

É possível enumerar diferentes tópicos relevantes na narrativa, mas a ideia que move o enredo de *O que tem na panela, Jamela?* é o sentimento da menina pela galinha, destinada a ser um dos pratos do almoço de Natal. Coloca-se em evidência a relação entre o ser humano e os animais, mais especificamente entre crianças e animais. Pensar sobre isso pode ser proveitoso para melhor compreensão do texto e do comportamento infantil.

Um dos registros mais antigos do elo afetivo entre animais e humanos data de 14 mil anos atrás, quando lobos seguiam nômades para alimentar-se de restos de caça e, “em troca”, garantiam a segurança do grupo durante a noite. O relacionamento tornou-se mais estável quando a vida de caçador deu lugar à de agricultor. Os animais domesticáveis passaram a ser usados como força de trabalho, e os mais dóceis, como os cães, se tornaram companheiros, “amigos fiéis”.

O relacionamento entre homens e bichos foi estudado por inúmeros cientistas, e hoje se pode afirmar que os animais domesticados exercem influência positiva no restabelecimento de doentes, na preservação da saúde mental dos idosos e no desenvolvimento afetivo e intelectual das crianças. Os bichos de estimação estimulam a comunicação e o senso de responsabilidade (adotar um animal implica cuidados e preocupações), facilitam a convivência entre as pessoas (as crianças aprendem que, para se relacionar com seus bichinhos, é preciso negociar e abrir mão de alguns desejos) e ajudam a fazer amizades (não há quem não relate que, ao passear com seu cão pela rua, não ficou amigo de outros donos de cachorro). Tudo isso acontece no caso de qualquer bicho – peixes, passarinhos, *hamsters*, cavalos, entre outros –, mas não há dúvida de que são os cães e os gatos que possibilitam maior tempo de convívio e interação, sobretudo nos centros urbanos.

APRENDENDO A MUDAR

Há dois temas centrais em *Cadê você, Jamela?*: a importância que a mudança assume na vida das pessoas e a necessidade do faz de conta na vida das crianças.

Mudança é um dos temas mais importantes da existência. É tamanho o impacto desse assunto no cotidiano que praticamente todas as áreas do conhecimento se ocupam dele. A mudança está estreitamente ligada à possibilidade de adaptação e de sobrevivência.

Do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, que estuda as mudanças de comportamento em diversos aspectos de acordo com a idade – habilidade motora, aquisição da linguagem, construção de conceitos, desenvolvimento moral –, o acúmulo de experiências e a qualidade delas são determinantes no desenvolvimento humano. Assim, a capacidade de aprendizagem de um indivíduo e seu caráter, por exemplo, são construídos ao longo de toda a vida e não apenas na infância. O ser humano está em constante mudança, e a forma como lida com isso depende de aprendizagens anteriores.

Como exemplo, pode-se lembrar a maneira como Jamela encara a mudança de casa. A insegurança diante da perda de algumas referências é superada graças à sensibilidade e à atenção da família. Descobrir alterações nos barulhos no novo bairro, a permanência da posição das estrelas no céu e as possibilidades de um lugar diferente, como faz Jamela, é mais que um esforço de adaptação, é uma recriação.

Para as crianças, o jogo do faz de conta é também uma maneira de organizar a percepção da realidade. A brincadeira possibilita experimentar diferentes papéis sociais, estimula o uso da imaginação e, principalmente, favorece a busca de soluções para conflitos internos, mesmo inconscientes.

O faz de conta transforma-se em jogo cada vez mais complexo, e a imitação dos papéis sociais acaba por demandar maior observação das crianças. Conseqüentemente, ocorre ampliação das representações do que vêm a ser mãe, pai, professor, médico, cozinheira, motorista, enfim, as ocupações sociais e profissionais com as quais, de uma forma ou de outra, a criança tem contato.

O faz de conta também é um recurso de Jamela para aprender a enfrentar o medo e o desconforto causados pela mudança de casa, por uma situação desconhecida. Quando oferece seu jogo de chá para servir a família, é como se a menina ocupasse o lugar da dona da casa, cumprindo a missão de agregar e promover o encontro de todos para conversar sobre as experiências do dia e recarregar as energias. É ainda curioso notar como na narrativa o bule é um elemento que representa o que se quebrou (na despedida da casa antiga) e o que se reconstituiu (no novo lugar).

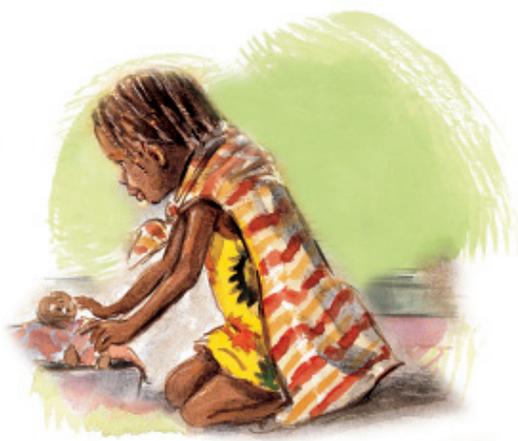
Ao mesmo tempo que a brincadeira é excelente artifício para a aprendizagem e, portanto, para o desenvolvimento da criança, a linguagem cumpre papel fundamental, pois é por meio dela que o ser humano organiza o pensamento. Nesse sentido, cabe



ênfatisar a importância das interações verbais e a contribuição das narrativas ficcionais (as histórias) para entender melhor o mundo, para ampliar horizontes, para aumentar a capacidade de compreender o outro e a si mesmo.

GANHANDO AUTONOMIA

Em todo e qualquer projeto educativo, um dos objetivos centrais é proporcionar condições para a conquista crescente da autonomia das crianças. Muitas vezes, porém, não fica claro o que é autonomia, ou não há um mesmo conceito sobre o assunto, ou, ainda, não se conhecem as concepções que circulam entre pessoas de uma mesma família ou grupo de profissionais responsáveis pela educação dos pequenos, o que, no mínimo, resulta em orientações contraditórias. Para Jean Piaget, um dos grandes pensadores no campo da educação, autonomia significa ter o direito de tomar decisões por si próprio tanto em questões circunscritas ao campo moral (certo/errado) como ao intelectual (verdadeiro/falso), independentemente das recompensas ou punições que podem gerar. Martin Luther King e Nicolau Copérnico são exemplos de pessoas que tiveram autonomia extrema para tomar decisões relativas aos campos moral e intelectual, respectivamente, a despeito das restrições e punições que poderiam sofrer. Muitas famílias e escolas, porém, agem baseadas no princípio da recompensa e da punição, acreditando que fazem o melhor para as crianças. Na verdade, instauram a heteronomia, ou ausência de autonomia, que significa agir de acordo com princípios e verdades alheias, ser guiado por uma obediência cega. Mas como educar uma criança para a autonomia? Exercitando a própria autonomia, agindo de acordo com valores próprios, sem se render a pressões externas, o que, na maior parte das vezes, significa ter de lidar com o sentimento de frustração por não poder prover tudo o que se gostaria para os filhos e/ou para os alunos. Dizer “não” é difícil, mas necessário. No episódio do aniversário, *Mama* ensina seus valores à filha com firmeza e afetividade. Ela reconhece que a ocasião requer sapatos novos, quer dá-los, mas não o modelo mais caro. O desapontamento de Jamela gera criatividade e trabalho. E é exatamente esse o produto positivo de pessoas autônomas diante de situações de privação.



NA SALA DE AULA



São inúmeras as possibilidades de trabalho a partir de *O que tem na panela, Jamela?*, *Cadê você, Jamela?*, *Feliz aniversário, Jamela!* e *O vestido de Jamela*. Para começar, é importante ler as informações que circundam as narrativas: biografia do autor, sinopse da quarta capa, origem do texto. Os alunos devem ser incentivados a fazer perguntas como: “O que será que ele, o autor, tem a dizer?”.

Localizar a África do Sul no mapa-múndi e contar um pouco de sua história pode ajudar na compreensão mais ampla e aprofundada das narrativas.

As imagens também antecipam alguns aspectos do texto. É interessante que os alunos possam folhear os volumes e tentar “adivinhar” as histórias.

Num momento posterior, sugere-se ler cada história com os alunos, que devem acompanhar com um exemplar em mãos. Essa prática sem dúvida contribui para melhorar a fluência, já que o professor pode ser um bom modelo, dando a entonação adequada a cada trecho. Paradas devem ser permitidas aos alunos e, preferencialmente, solicitadas por eles. Será necessário interromper a leitura para consultar o glossário, ainda que na maior parte das vezes seja possível inferir o sentido dos vocábulos de origem africana.

É interessante fazer mais de uma leitura, pois nem sempre os alunos têm boa compreensão da trama logo no primeiro contato. Assim, a segunda leitura poderia ser precedida de uma conversa sobre as primeiras impressões.

Ler e reler o texto, fazendo uso de diferentes estratégias – leitura compartilhada, leitura em voz alta (desde que treinada com antecedência), leitura silenciosa e, sobretudo, trocas entre os alunos sobre os sentidos que vão atribuindo ao texto, tendo o professor como moderador e não como detentor de um suposto sentido unívoco –, são etapas importantes para que os alunos possam aprender a lidar com fatores que exercem influência na compreensão.

A conversa final guia novas buscas: leituras de títulos do mesmo autor, ou da série, ou de histórias que se desenvolvem em cenários africanos.

Como atividade de criação referente a *O que tem na panela, Jamela?* e *O vestido de Jamela*, é possível planejar uma oficina

Links interessantes

Livros sobre leitura

- COLOMER, Teresa; CAMPOS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura*. Campinas: Pontes, 2001.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em curso*. Campinas: Autores Associados, 2003.

Livros infantojuvenis

- ASARE, Meshack. *O chamado de Sosu*. São Paulo: Edições SM, 2005.
- CHAMBERLIN, Mary e Rich. *As panquecas de Mama Panya*. São Paulo: Edições SM, 2005.
- LAGO, Angola et alii. *Hoje é dia de festa*. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2006.
- SELLIER, Marie; LESAGE, Marion. *A África, meu pequeno Chaka*. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2006.

Sites sobre a África

- *Afrocultura*: www.afrocultura.com
Site de uma galeria de arte dedicada à cultura africana. Muitas das exposições organizadas estão documentadas, o que faz desse endereço uma galeria de arte virtual (em espanhol).
- *Casa das Áfricas*: www.casadasafricas.org.br
Espaço cultural e de estudos sobre as sociedades africanas. Um dos melhores e mais completos sites sobre o assunto.
- *Com Ciência*: www.comciencia.br
Revista eletrônica mensal, dirigida por Carlos Vogt. Em cada publicação, um tema geral é abordado de diferentes ângulos. A de novembro de 2003 (nº 49) é dedicada a questões relacionadas à vida dos negros no Brasil (em português) e é acessada em: www.comciencia.br/reportagens/negros/01.shtml
- *Cultura Africana*: www.culturaafricana.com
Site de turismo com informações geográficas e culturais sobre vários países da África. Além disso, para cada destino são indicados livros, alguns deles resenhados, de autores e/ou temática relacionados a cada lugar (em espanhol).

de estamparia com motivos africanos. Uma pesquisa em outras fontes ampliaria as possibilidades de escolha de cores e motivos.

Uma sessão de relatos sobre vivências com animais também é excelente oportunidade para os alunos desenvolverem o discurso oral. Organizando a classe para ouvir um colega, o professor ajuda o aluno a encontrar recursos verbais adequados para construir sua história.

Em relação a *Cadê você, Jamela?*, uma atividade interessante é a apresentação de relatos sobre situações que geraram medo. Também pode ser uma boa oportunidade para que os alunos estabeleçam conexão entre leitura e experiência própria, além de contribuir para o desenvolvimento do discurso oral.

A produção de textos em torno de dilemas infantis é outra possibilidade para que as crianças possam se expressar por meio da escrita e da ilustração, assim como fez o autor.

A partir da leitura de *Feliz aniversário, Jamela!*, os alunos podem montar, com a ajuda do professor, um calendário de aniversários, contar em roda como costumam comemorá-los e combinar quais serão os privilégios do aniversariante do dia. Estabelecida a rotina do grupo em relação às datas, seria muito interessante que fizessem uma pesquisa sobre como eram comemoradas quando os pais e os avós eram crianças, fazendo entrevistas e montando um pequeno acervo de fotos. Entrar em contato com as diferentes formas de celebração é uma boa maneira de compreender como nossas festas fazem parte da cultura e como estão atreladas à época, à condição social, a diferentes regiões do país e do mundo.

PARA ENSINAR A GOSTAR DE LER

O trabalho com a leitura é uma das práticas fundamentais da escola e da vida. Como disse o cartunista e escritor Ziraldo uma vez, causando certa indignação: “Ler é mais importante que estudar”. A leitura atende a múltiplos propósitos e, para ficar apenas naqueles que estão mais próximos da escrita literária, podemos lembrar que ler possibilita:

- conhecer realidades distantes;
- expressar sentimentos por meio de relatos de experiências vividas;

Filmes sobre a África para o professor

• *ABC África*. Direção: Abbas Kiarostami. Irã/França, 2001. Documentário sobre o trabalho da Força das Mulheres de Uganda para Salvar Órfãos (Uganda Women Effort to Save Orphans, Uweso).

• *Hotel Rwanda*. Direção: Terry George. Itália/Reino Unido/África do Sul, 2004. Filme sobre o massacre dos hutus na guerra contra os tútsis em 1994, que em cem dias deixou um saldo de 1 milhão de mortos.

Filme infantojuvenil

• *Kiriku e a feiticeira*. Direção: Michel Ocelot. França, 1998. Desenho que conta uma tradicional lenda africana sobre coragem e astúcia. Kiriku é um menino minúsculo que enfrenta a poderosa feiticeira Karaba.

- entender o outro;
- negociar soluções para compreender o mundo e atuar nele;
- pensar sobre conflitos pessoais;
- conhecer a si próprio; e
- por tudo isso, ser uma pessoa melhor.

Ensinar e aprender a ler exigem método. Práticas escolares equivocadas afastam os estudantes do prazer da leitura. Transformá-la em lição de casa pode ser prejudicial. Há, por outro lado, boas orientações para um trabalho fértil e prazeroso em torno da leitura.

O que é ler? A questão é simples e ao mesmo tempo audaciosa, pois a definição de leitura é ampla e complexa. Ler, definitivamente, não é apenas decodificar (transformar símbolos escritos em sons inteligíveis). Ler é compreender. Mas como se compreende um texto? Que intervenções podem favorecer uma aprendizagem nesse sentido?

A leitura envolve um processo de interação que se dá em alguns planos:

1. Ler é, antes de mais nada, um ato social que envolve no mínimo dois sujeitos: o leitor e o escritor. Quando se conversa com alguém conhecido, é mais fácil entender o que essa pessoa diz. Por isso, quanto maior o número de informações sobre quem escreve – época, lugar, história, objetivos –, maior a possibilidade de compreensão do texto.
2. A leitura interpretativa é resultante da interação entre diferentes níveis de conhecimento: linguístico, textual, de mundo. Então, para entender um texto, é preciso fazer os conhecimentos “dialogar”, o que exige atitude e esforço de quem lê, num movimento que ponha em circulação os conhecimentos prévios.
3. Como, geralmente, não damos conta de todas as informações envolvidas num texto, fazemos perguntas a respeito do que estamos lendo. Assim, podemos dizer que ler é, também, a busca de respostas.

Portanto, ensinar a ler é, entre muitas outras coisas, incentivar o leitor a tecer relações entre seus conhecimentos prévios; suscitar a formulação de perguntas; permitir a troca de ideias entre os alunos-leitores; provocar a formulação de mais perguntas; alimentar o desejo de buscar respostas.